

HORTA COM CONSCIÊNCIA NEGRA: RELATO DA CONSTRUÇÃO E DISCUSSÃO DE POSTAGENS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM UMA HORTA ESCOLAR MEDIATIZADA

GARDEN SCHOOL WITH BLACK CONSCIOUSNESS: REPORT OF THE CONSTRUCTION AND DISCUSSION OF POSTS FOR THE EDUCATION OF ETHNIC-RACIAL RELATIONS IN A MEDIATIZED SCHOOL GARDEN

HUERTO CON CONCIENCIA NEGRA: INFORME DE LA CONSTRUCCIÓN Y DISCUSIÓN DE PUESTOS PARA LA EDUCACIÓN DE LAS RELACIONES ÉTNICO-RACIALES EN UN HUERTO ESCOLAR MEDIATIZADO

Luciana Ferrari Espíndola Cabral¹, Juliana de Oliveira Ramadas Rodrigues²

Resumo

Em uma horta escolar mediatizada, produzimos postagens para trabalhar as relações étnico-raciais e a história da introdução de plantas de origem africana na cultura alimentar brasileira. Assim, esperamos contribuir para a implementação da Lei 10639/03 e para o fomento das transformações sociais suscitadas/desejadas pela sua efetivação na vivência escolar. A execução de postagens com o tema “consciência negra” visa o aprendizado dos alunos produtores a respeito dessa temática e a sensibilização dos seguidores para a necessidade de pensar na importância da contribuição africana na construção da cultura alimentar brasileira. Como resultados, além do aprendizado dos alunos produtores das postagens nesse campo do conhecimento, o perfil ganhou novos seguidores a partir da ampliação de seu endereçamento.

Palavras-chave: Horta Escolar; Instagram; Ensino de Ciências e Saúde; Educação Alimentar e Nutricional; Relações étnico-raciais.

Abstract

In a mediatized school garden we produce posts to work on ethnic-racial relations and the history of the plants of African origin in Brazilian food culture. We hope to contribute to the implementation of law 10639/03 and to the promotion of the social transformation raised in the school experience. Thus, the execution of posts with the theme “black consciousness” aims at the learning of producer students about this theme and the awareness of followers for the need to think about the importance of the African contribution in the construction of Brazilian food culture. As a result, in addition to learning from the students who produced the posts in this field of knowledge, the profile gained new followers.

Keywords: School Garden; Instagram; Science and Health Teaching; Food and Nutrition Education; Ethnic-racial relations.

¹ Doutora em Educação em Ciências e Saúde - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Professora EBTT Classe DIII, nível 1 - Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. **E-mail:** luciana.cabral@cefet-rj.br

² Mestra em Nutrição - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. Nutricionista do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (Cefet/RJ). Rio de Janeiro, RJ - Brasil. **E-mail:** juliana.rodrigues@cefet-rj.br



Resumen

Em um huerto escolar mediatizado producimos postes para trabalhar las relaciones étnico-raciales y la historia de introducción de plantas de origen africano em la cultura alimentaria brasileña. Esperamos contribuir a la implementación de la Ley 10639/03 y a la promoción de la transformacion es sociales deseadas para su efectividad em la experiencia escolar. Por lo tanto, la realización de publicaciones com el tema "conciencia negra" tiene como objetivo el aprendizaje de los estudiantes sobre este tema y la sensibilización de seguidores sobre la necesidad de pensar la importancia de la contribución africana em la cultura alimentaria brasileña. Además de los aprendizajes de los estudiantes que produjeron los posts em esta área del conocimiento, el perfil ganó nuevos seguidores.

Palabras clave: Huerto Escolar; Instagram; Enseñanza de Ciencias y Salud; Educación alimentaria y nutricional; Relaciones étnico-raciales.

*Os nossos pés se revigoram quando pisam neste chão
Canto a magia, danço
A Bahia prosada e versada no dendê*

*Bahia, eu sou África do lado de cá
Canto, harmonia, fé, alegria
Senhor do Bonfim e o Babá Oxalá*

Mateus Aleluia.

1 Introdução

A Horta Escolar, iniciada em abril de 2016, é um projeto de extensão cadastrado no Departamento de Extensão e Ações Comunitárias do CEFET-RJ. A proposta do projeto pretende fomentar o tripé da educação de excelência, atuando no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão (CABRAL, *et al.*, 2019). O projeto foi criado para funcionar como um “laboratório-vivo”(KHER e PORTUGAL, 2015), contextualizando, por meio da prática, as atividades de ensino, pesquisa e extensão relacionadas ao Ensino de Biologia, à Educação Alimentar e Nutricional e à Educação Tecnológica. Todavia, o isolamento social imposto pela pandemia de COVID-19 nos impôs o inusitado desafio de trabalhar com uma horta escolar sem pleno acesso ao nosso espaço plantado para a execução das nossas atividades. Nesse contexto, aprimoramos as mídias sociais que já tínhamos, criamos outras e, assim, realizamos a divulgação científica sobre hortas.

Para Leão *et al.* (2021), as hortas escolares são ambientes de muita importância, tanto do ponto de vista estético, quanto pedagógico e educativo, uma vez que criam um ambiente capaz de proporcionar o Ensino de Ciências e a Educação Alimentar e Nutricional, de forma interdisciplinar. Dessa forma, os saberes de diversos campos do conhecimento podem ser relacionados, reduzindo para o educando a percepção de uma ciência fracionada, como ela geralmente é ensinada nas escolas. Por meio de uma revisão sistemática da literatura, as autoras constataram “que ainda há pouca produção acadêmica a respeito da utilização de hortas escolares” (LEÃO *et al.*, 2021, p.5047) e, desse modo, demonstraram a existência de uma enorme lacuna na produção científica sobre a temática.



Paralelamente, Verrangia (2021) aponta a necessidade de um número maior de discussões no campo do Ensino de Ciências e Biologia que levem em conta as identidades dos alunos, considerando a posição social deles. Nesse sentido, estabelecemos uma estratégia de divulgação científica, da criação e manutenção de uma horta escolar midiaticizada por intermédio da produção de conteúdo para um perfil no *Instagram*, intitulado @hortacefet, que visa, entre outras atividades, promover ações de fomento à consciência racial, por meio do Ensino de Botânica e de Educação Alimentar e Nutricional, com destaque para as plantas alimentares de origem africana introduzidas no Brasil e incorporadas nos nossos hábitos alimentares. Infelizmente, tanto o ensino de botânica quanto o ensino da história e cultura africanas são rotineiramente negligenciados no currículo escolar.

Assim, de forma simultânea, ao produzimos postagens sobre a história da introdução de plantas de origem africana na cultura alimentar brasileira, pretendemos atrair uma audiência interessada em informações sobre relações étnico-raciais na Educação em Ciências e Saúde e, paralelamente, disponibilizar essas informações ao público amplo composto pelos aproximadamente quatro mil seguidores do nosso perfil do *Instagram* (dado coletado em 30/04/2022). Entendemos, portanto, que essa audiência deve ser educada para o conhecimento e respeito da cultura afro-brasileira. Por meio da construção de postagens de uma equipe composta por sete alunos do ensino médio, uma professora de Biologia e uma nutricionista, esperamos contribuir para a implementação da Lei 10639/03 e para o fomento das transformações sociais suscitadas/desejadas pela sua efetivação na vivência escolar. Vale ressaltar que os alunos da instituição que abriga essa horta escolar midiaticizada são os produtores de conteúdo do perfil e, também, uma parcela de sua audiência. A execução das postagens com o tema “consciência negra” não se limita ao mês de novembro e visa o aprendizado dos alunos produtores a respeito dessa temática e a sensibilização dos seguidores do perfil @hortacefet para a necessidade de pensar na importância da contribuição africana na construção da cultura alimentar brasileira.

Isto posto, entendemos que por intermédio da escrita deste relato podemos compartilhar com outros educadores essa experiência tão rica de significados para todos os envolvidos. Ao mesmo tempo, revisitamos os referenciais teóricos que pautaram nossas ações, nos permitindo (re)avaliar as nossas práticas educativas tal qual exposto por Souza Filho, Cabral e Rezende Filho (2021). Verrangia (2021) aponta que a discussão do papel do ensino de Ciências e Biologia na educação das relações étnico-raciais, em relatos compartilhados por docentes, pode contribuir para a desconstrução de uma visão fechada do papel das Ciências Naturais e abrir uma nova possibilidade para o entendimento da educação em Ciências e sua função social.

Assim como Tardif (2008), acreditamos que os saberes docentes estão a serviço do trabalho e devem ser entendidos em íntima relação com sua ação pedagógica. Por isso, nessa proposta pedagógica, buscamos articular nossos saberes aparentemente díspares nos campos das relações étnico-raciais, da comunicação social, do ensino de Botânica e da Educação Alimentar e Nutricional na construção dessa proposta transdisciplinar.

2 Procedimentos Metodológicos

2.1 Referencial Teórico

Historicamente, a educação formal vem contribuindo para a manutenção do racismo ao negligenciar as contribuições dos povos negros na construção do conhecimento científico e cultural. Aos educadores da atualidade, cabe a missão de elaborar novas propostas pedagógicas capazes de mostrar aos educandos o protagonismo das populações negras na história, nas ciências e na construção da cultura brasileira.

Verrangia (2021) afirma que, a partir dos anos 2000, medidas importantes foram tomadas no campo da educação para o reconhecimento e potencial reparação do dano educacional causado por séculos de racismo estrutural. Almeida (2020) define a dimensão estrutural do racismo ao afirmar que o racismo é um constituinte orgânico da sociedade brasileira e está presente na vida cotidiana, sendo normalizado.

Em resumo: o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. Racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que “ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição” (ALMEIDA, 2020, p. 50).

Entre as medidas apontadas por Verrangia (2021), merecem destaque as novas Diretrizes Curriculares Nacionais que enfocam o combate ao racismo, com o reconhecimento e a valorização da cultura africana e afro-brasileira que deveriam ser objeto de constante valorização na educação básica. O mesmo documento prevê que os sistemas de ensino produzam e disseminem materiais que possam subsidiar o trabalho docente nessa tarefa, de modo a contribuir para a eliminação do racismo e de outros preconceitos.

Nesse sentido, Sueli Carneiro (2011) aponta para a necessidade de ações afirmativas e do “reconhecimento das desvantagens historicamente acumuladas pelos grupos discriminados em dada sociedade, que sustentam os privilégios de que desfrutam os grupos raciais dominantes e explicam as desigualdades de que padecem os dominados” (CARNEIRO, 2011, p. 105). Entre essas ações, a autora destaca a promulgação da lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, que altera a lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, “ao estabelecer as diretrizes e bases da educação



nacional e instituir no currículo da rede de ensino a obrigatoriedade da história e da cultura africana e afro-brasileira” (p.23), sendo esse um marco na educação brasileira. O mesmo decreto institui no calendário escolar o dia 20 de novembro como Dia Nacional da Consciência Negra.

Assim como Almeida (2020), entendemos que “se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de combatê-lo é por meio de práticas antirracistas efetivas” (p. 48). E, dessa forma, planejamos nossa prática pedagógica nas mídias sociais pautadas em um caráter antirracista que tenta educar os alunos produtores das postagens e os usuários do perfil @hortacefet em uma perspectiva contrária aquela que constitui o complexo imaginário do povo brasileiro e que é a todo o momento reforçada pela escola, pelos meios de comunicação e pela indústria cultural (ALMEIDA, 2020) de que as contribuições dos povos negros para a nossa bagagem cultural não seriam relevantes e portanto não precisam ser trabalhadas no currículo escolar.

A estratégia de midiatização da Horta Escolar foi balizada e consolidada a partir da perspectiva da divulgação científica dessas e de outras plantas alimentares por meio das mídias sociais. Entendemos que as plataformas digitais se consolidaram como um espaço para a atuação profissional, permitindo a ampliação do público atingido e sua maior participação, com diferentes níveis de interatividade na discussão de assuntos científicos (COSTA e ROCHA, 2019). Desse modo, é fundamental aproveitar essas potencialidades das mídias sociais e interagir, em um prisma antirracista, com os cidadãos interconectados nas redes de comunicação, divulgando conhecimentos, uma vez que

(...) dado o avanço da tecnologia e os hábitos dos alunos de hoje, surge a necessidade de inovar, com as metodologias que acompanhem os avanços tecnológicos e, ao mesmo tempo, motive e desperte, nos alunos e demais visitantes dos espaços educativos, o interesse na aprendizagem, uma aprendizagem mais ativa e na qual todos os intervenientes assumem uma parte da responsabilidade (COSTA e ROCHA, 2019, p. 79).

Assim, por meio de uma proposta de divulgação científica, cumprimos o papel de tornar acessível à população em geral aquilo que o meio acadêmico produz, com compromisso ético com a objetividade e fidedignidade daquilo que está sendo apresentado (NETO, 2019) e usando uma linguagem menos especializada e, portanto, capaz de tornar o conteúdo divulgado mais acessível a uma ampla audiência.

O entendimento de que os seguidores do nosso perfil constituem uma audiência multirracial nos levou a pensar sobre características de espectadorialidade e a necessidade de um endereçamento para a população negra. O conceito de endereçamento, oriundo da teoria do cinema, trata-se do processo de realização de escolhas estéticas e narrativas realizadas em função de pressuposições sobre a audiência de produções textuais ou audiovisuais (ELLSWORTH, 2001). Com base nesse conceito e a partir de um olhar atento sobre quem são



as pessoas e as instituições que constituem a audiência do nosso perfil, além de suas interações com as postagens realizadas, planejamos e executamos as postagens subsequentes.

2.2 Descrição das postagens

Para trabalhar a temática da consciência negra com os sete alunos integrantes do projeto e nossos seguidores nas redes sociais, decidimos fazer uma série de postagens com a temática étnico-racial durante o mês de novembro de 2021. Desde o estabelecimento da proposta, ficou decidido que as postagens dessa série temática intitulada “Horta com consciência negra” seriam realizadas durante os outros meses do ano à medida que o grupo identificasse novas plantas interessantes para essa categoria. Para dar início a produção de conteúdo nessa temática, durante as reuniões quinzenais regularmente realizadas com a equipe de trabalho, fizemos uma pequena abordagem histórica sobre a presença/chegada dos negros escravizados no Brasil, sobre a importância dos negros na cultura brasileira, costumes, hábitos e modos de vida. Para tanto, realizamos a leitura e a discussão do artigo “Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na Botânica do período colonial” (CARNEY, 2001). Decidimos pela criação de um selo (Figura 1) que marca todas as postagens desta série e que será usado futuramente, ao trabalharmos novamente com algum tema/espécie de origem africana em nosso perfil. Todos os dados aqui descritos foram retirados do *Instagram* no dia 08/03/2022. Por ser uma rede social, essas métricas estão em constante mudança.

Figura 1: Logotipo criado pelos alunos para acompanhar todas as postagens com o tema da consciência negra.



Fonte: As autoras (2022).

2.3 Carrosséis

Foram feitos quatro carrosséis de plantas de origem africana, que foram trazidas ao Brasil durante o tráfico negreiro e passaram a incorporar nossa agricultura e cultura alimentar, estando presente no consumo habitual e em alguns pratos típicos de algumas localidades no Brasil.

Os carrosséis de plantas do nosso perfil são postagens que mostram informações básicas sobre a planta, com informações botânicas, formas de cultivo, informações e propriedades nutricionais, curiosidades, receitas e referências bibliográficas. É o nosso tipo de postagem em maior número, até o presente momento, sendo autoral, fruto da pesquisa dos alunos integrantes do grupo sob orientação das coordenadoras do projeto (uma professora e uma nutricionista). A estrutura é composta por no máximo 10 slides, com muitas ilustrações que costumam todo o conteúdo apresentado. Exibimos as seguintes plantas: inhame, melancia, dendê e tamarindo. A Figura 2 apresenta, de forma resumida, uma amostra de cada uma dessas postagens, com quatro dos 10 slides de cada.

Figura 2: Ilustração com amostras dos quatro carrosséis de plantas de origem africana introduzidas no Brasil durante o tráfico negreiro.



Fonte: As autoras (2022)

De acordo com a tabela 1, abaixo, em relação às métricas que o próprio *Instagram* gera, nosso carrossel dessa série, com maior número de curtidas (152) e comentários (44) foi o do inhame; em relação ao número de compartilhamentos (71) e salvamentos (46) o que se mostrou mais favorável foi o da melancia. O carrossel do tamarindo foi o que obteve maior número de contas alcançadas (982), ou seja, o número de pessoas que visualizaram esse conteúdo. O carrossel de melancia propiciou o maior número de interações com o conteúdo (252) e o do inhame, o maior número de atividades no perfil (45). A postagem sobre o inhame, primeira da série, foi a que agregou o maior número de novos seguidores para o perfil @hortacefet no ano de 2021. Tal fato demonstra a eficiência da estratégia de ampliação do endereçamento do perfil por meio da inserção da temática das relações étnico-raciais, ampliando a capacidade de divulgação de nossas mensagens para uma audiência mais ampla e diversificada.

Tabela 1: Métricas dos carrosséis de plantas da série temática: Horta com consciência negra.

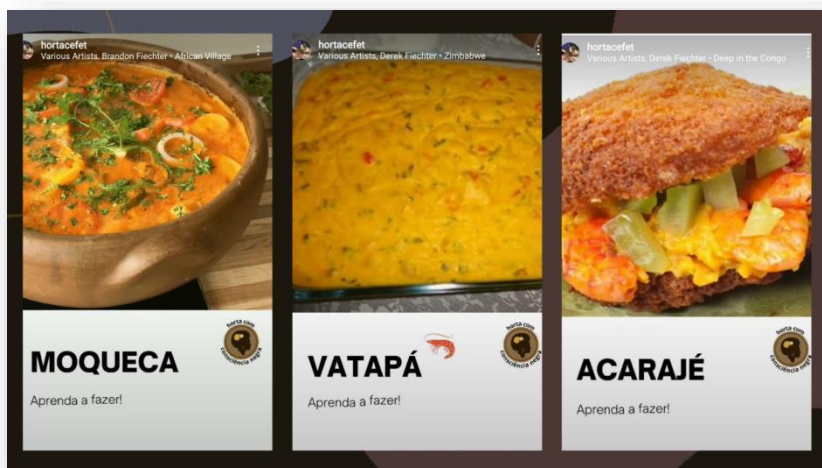
Carrossel	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos	Salvamentos	Alcance	Interações	Atividade
Inhame	152	44	29	20	961	245	45
Melancia	130	38	71	46	855	252	20
Dendê	111	32	30	18	575	191	29
Tamarindo	136	25	13	19	982	193	28

Fonte: As autoras (2022).

2.4 Reels

Fizemos três *reels* (microvídeos) de receitas ilustradas nesta série: acarajé, vatapá e moqueca (Figura 3). Os microvídeos são dispositivos da cibercultura elaborados para serem curtos, dinâmicos e objetivos (MARTINS, 2021). Esses vídeos são nossas oficinas virtuais educativas de alimentação e nutrição, com preparações culinárias que são apresentadas de forma descontraída e dinâmica. Esse tipo de postagem tem como objetivo demonstrar a nossa audiência que a prática culinária pode ser acessível a toda população, independente da faixa etária e grau de instrução e propiciar a discussão sobre hábitos alimentares relacionados à cultura afro-brasileira com nossos seguidores.

Figura 3: Ilustração com as capas dos três *reels* de receitas produzidas para a série “Horta com consciência negra”.



Fonte: As autoras (2022)

O *reels* de acarajé foi o que obteve maior engajamento, como pode ser visto em nossa Tabela 2, abaixo. Esse vídeo obteve 499 reproduções, 44 curtidas e 17 comentários, alcançando 534 contas.

Tabela 2: Métricas dos *reels* da série temática: Horta com consciência negra.

Reels	Reproduções	Curtidas	Comentários	Compartilhamentos	Salvamentos	Alcance	Interações
Acarajé	499	44	17	2	5	534	68
Vatapá	470	29	3	0	3	429	35
Moqueca	309	30	2	0	2	307	34

Fonte: As autoras (2022).

A tentativa de apagamento da contribuição das preparações e práticas alimentares de origem afro-brasileira das discussões sobre alimentação e nutrição é demonstrada pela espécie de desprestígio dos pratos oriundos de matriz africana a partir da teoria de serem menos saudáveis. Apesar de aparentemente ricos em gorduras, são pratos feitos de alimentos *in natura* e/ou minimamente processados, com muita riqueza de nutrientes, variados e ancorados na cultura alimentar de um povo, que seguem os preceitos do Guia alimentar para a população brasileira (2014).

2.5 Horta Divulga

Este quadro é uma publicação mensal que indica outros perfis, com um aporte teórico complementar ao nosso, para os nossos seguidores. No Horta Divulga desta série (Figura 4), indicamos o @culinafro_ufrj, perfil do projeto de extensão da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que aborda a temática da culinária afro-brasileira como promotora da alimentação saudável no ambiente escolar.

Figura 4: Layout criado pelos alunos para divulgação de perfis correlatos ao nosso.



Fonte: As autoras (2022).

Essa publicação apresenta 141 curtidas, 19 comentários, 17 compartilhamentos e 6 salvamentos, atingindo 1770 contas do Instagram. Podemos considerar notório o engajamento dessa postagem que garantiu muitos novos seguidores ao perfil, de forma que nos possibilitou levar a mensagem da nossa horta escolar a uma audiência maior, seguindo os preceitos da educação para as relações étnico-raciais.

2.6 Horta Explica

Trata-se de uma postagem mensal com explicação de expressões idiomáticas da língua portuguesa que estão relacionadas às plantas alimentares e ao seu consumo. No mês da consciência negra, escolhemos a expressão “tem caroço nesse angu” (Figura 5). Essa expressão surgiu como um mecanismo de resistência da população negra escravizada, no qual a pessoa escravizada responsável por servir a comida escondia um pedaço de carne debaixo do angu. Essa publicação obteve 264 curtidas, 58 comentários, 51 compartilhamentos, 35 salvamentos, alcançando 1632 contas.

Figura 5: Layout do post “Horta Explica”



Fonte: As autoras (2022).

2.7 TBT

O TBT escolhido foi da oficina de guisado de folha de abóbora, realizada em 2019, em que apresentamos uma postagem com várias fotos da oficina que foi realizada presencialmente com as seguintes preparações: farofa, omelete e guisado de folha de abóbora. Nesta oportunidade, os alunos, além de conhecerem características botânicas e as propriedades nutricionais da folha de abóbora, experimentaram as preparações e puderam avaliá-las, conforme trabalho de Rodrigues e Cabral (2020). A maior parte dos alunos teve uma avaliação positiva das preparações, o que reforça a tese de que deixamos de comer/experimentar diversos gêneros alimentícios por desconhecimento ou preconceito. Vale destacar que essa oficina foi uma boa estratégia para discutir a maneira como uma planta alimentícia pode não ser consumida de forma usual no Rio de Janeiro e ser comum em outras regiões do Brasil e do mundo. Assim, reforçamos a ideia de que a forma como comemos é um hábito cultural e que ele pode ser, portanto, (re)construído. Logo, podemos ensinar a cultura alimentar africana e/ou afro-brasileira.

Figura 6: Layout criado para demonstração de uma oficina presencial de educação alimentar e nutricional realizada antes da pandemia de COVID-19



Fonte: As autoras (2022).

A publicação desse *TBT* obteve 86 curtidas, 16 comentários, 8 compartilhamentos, 1 salvamento, alcançando 757 contatos.

2.8 Comentários das postagens

Os comentários mostram a interação entre nossos seguidores e os administradores/criadores dos conteúdos do perfil. Nesta série temática, grande parte deles girou em torno de troca de receitas, interações com dicas para o consumo desses alimentos, como o comentário de uma seguidora “Confesso que não sou muito fã de inhame, mas consegui incorporar na dieta fazendo leite de inhame. Dá pra fazer bolos, vitaminas... Amei o conteúdo.” Em relação a nossa postagem sobre a melancia, uma seguidora comentou: “Quando o tempo está quente, de fato não há melhor sobremesa do que uma fatia de melancia!” Na sequência, outra comentou: “Lindo post! E amei a receita, vou experimentar em breve!”. Mais uma seguidora complementou: “Adoro melancia! E adorei saber de tudo isso. Com certeza farei a geleia.” Em outra postagem, outra seguidora comentou: “Quem nunca comeu essa farofa de dendê não sabe o que está perdendo.”

Outros comentários foram em relação às curiosidades e às propriedades apreendidas durante a interação com nosso conteúdo. Na postagem sobre o dendê, uma seguidora comentou: “Fruta diferente” e ela mesma complementou: “Adorei as curiosidades”. Outra nos escreveu: “Nossa, não sabia que tamarindo era assim! Que legal!”. No post da melancia: “Adoramos principalmente suco, que é bem a cara do verão!!! Comer à noite é bem complicado pra mim.”. Já outra seguidora usa as informações para esclarecer dúvidas: “Que coisa boa acompanhar a @hortacefet! Eu comprei na feira uma melancia pequenininha (não sei o nome) que a semente

também é muito pequenininha... aí fiquei preocupada por estar comendo as sementes. Esse post maravilhoso, me esclareceu que a semente é comestível”. No post do Horta Explica, uma seguidora comentou: “Amando saber tantas informações legais que desconhecia”.

3 Considerações finais

A observação do processo de construção das postagens, assim como a repercussão pela audiência, nos permite inferir que despertamos a curiosidade dos nossos alunos e dos nossos seguidores para a apresentação de plantas nativas da África e introduzidas no Brasil, incorporadas a nossa cultura alimentar. As postagens com o selo “Horta com Consciência Negra” agregaram muitos seguidores novos ao perfil, o que significa que a tentativa de ampliação do endereçamento das postagens a um público interessado nas relações étnico-raciais foi bem-sucedida. Paralelamente, o processo educativo vivenciado com os alunos do ensino médio durante a pesquisa e a produção do conteúdo de cada postagem nos permitiu, de forma transdisciplinar, discutir elementos relativos à Educação Alimentar e Nutricional, à Botânica, à Comunicação Social e, principalmente, fomentar a discussão sobre como o sequestro de pessoas negras trazidas como escravizadas ao território brasileiro foi determinante na formação da nossa cultura alimentar, ao mesmo tempo em que provocou alterações na composição da flora, por meio da introdução de espécies vegetais no território brasileiro. Dessa forma, acreditamos que, sem a definição de limites entre as disciplinas trabalhadas, contribuímos para a discussão das relações étnico-raciais na Educação em Ciências e Saúde, ampliando o horizonte cultural de nossos estudantes (e também de nossos seguidores), implementando a Lei 10639/03.

Referências

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro: Jandaíra, 2020. 220p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Básica. Departamento de Atenção Básica. **Guia alimentar para a população brasileira**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014. 156 p.

CABRAL, Luciana Ferrari Espíndola; CORDEIRO, Fabiana; RODRIGUES, Juliana de Oliveira Ramadas; PANTOJA, Carlos Eduardo; LEÃO, Darcele Christo. Integrando saberes através de uma horta escolar: uma experiência no CEFET-RJ. ENCONTRO INTERCAMPI DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL / CEFET/RJ, 2., 2019. **Anais...**, Rio de Janeiro, 2019. p. 81-85.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.



CARNEY, Judith. Navegando contra a corrente: o papel dos escravos e da flora africana na Botânica do período colonial. **África**. Revista do Centro de Estudos Africanos. USP, S. Paulo, 22-23: 25-47, 1999/2000/2001.

COSTA, Pedro Miguel Marques da; ROCHA, Marcelo Borges. Uso de plataformas digitais como forma de divulgar a ciência. In: **Divulgação científica textos e contextos**. São Paulo: LF Editorial, 2019. p.79-90.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (Org.). **Nunca fomos humanos** - nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

KHER, Anderson Luiz Klein; PORTUGAL, Anderson dos Santos. Horta escolar: cultivando o ensino de ciências. **Aproximando**, v.1, n.1, p. 1-10, 2015.

LEÃO, Darcele Christo; CABRAL, Luciana Ferrari Espindola; BORGES, Mariana Cristina Pexioline; RODRIGUES, Juliana de Oliveira Ramadas. Hortas escolares: uma revisão sistemática da literatura recente. In: **ENEBIO: itinerários de resistência - pluralidade e laicidade no Ensino de Ciências e Biologia**. Lima *et al.*(Org.). Campina Grande: Realize Editora, 2021. p.5038-5049.

MARTINS, Vivian. Microvídeos e a educação conectada e móvel. **Cadernos de Pedagogia**, v.15, n. 33, p.101-104, set./dez., 2021.

NETO, Hélio da Silva Messeder. A divulgação científica em tempos de obscurantismo e de fake news: contribuições histórico-críticas. In: **Divulgação Científica Textos e Contextos**. São Paulo: LF Editorial, 2019. p. 13-24.

RODRIGUES, Juliana de Oliveira Ramadas; CABRAL, Luciana Ferrari Espindola. Integração entre educação nutricional, PANC e a Horta Escolar - Relato de experiência de oficinas realizadas no CEFET-RJ. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE NUTRIÇÃO – Conbran, 26., 2020. **Anais...**, 2021. p. 1155-1156.

SOUZA FILHO, Luiz Alberto; CABRAL, Luciana Ferrari Espindola. REZENDE FILHO, Luiz Augusto Coimbra de. Relato de uma proposta de produção audiovisual por estudantes da educação básica durante a prática de ensino. **Ciência em tela**, v. 14, 2021.

VERRANGIA, Douglas. Relações étnico-raciais no ensino de ciências: ideias e valores para repensar nossas aulas. In: Galieta, T. (Org.) **Temáticas sociocientíficas na formação de professores**. São Paulo: Livraria da Física, São Paulo, 2021. p. 53-65.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

Recebido em abril de 2022.
Aprovado em novembro de 2022.

Revisão gramatical realizada por: Ana Izabel De Oliveira Sant’Anna Luz
E-mail: anaizabeluz@gmail.com

